

CAPÍTULO I

Duas Semanas no Noroeste do Luristão

Nos confins da civilização, o Luristão continua a ser um nome mágico. Os seus rios são linhas pontilhadas a azul no mapa e a posição das suas montanhas é uma questão de gosto. Continua a ser uma região para exploradores.

Ele descobre o que não pode fazer
E depois é isso mesmo que faz.

Eu não o fiz, pois penetrei apenas um pouco neste território. Mas passei duas semanas naquela parte da região onde é menos frequente ser-se assassinado e vi os Lurs em todo o seu garbo medieval — casaco branco cintado com mangas a pender em pontas a partir do cotovelo e chapéus brancos de feltro sobre caracóis que escondem as orelhas. Como o objetivo do governo persa é tê-los todos daqui a um ano vestidos *à la ferangi*, com quépis em bico com o retrato do Xá neles estampado, talvez valha a pena fazer-lhes o retrato, na medida do possível, antes que tanto aprumo os estrangeiros.

Imaginem-nos então, *Hajji* e eu própria, a subirmos até ao passo de Varazan montados em pequenos cavalos escanzelados. Atrás de nós fica a cidade de Nihavend e a elevação tumular mais próxima de Gian, onde arqueólogos franceses nos brindam com a simpatia

da sua hospitalidade e nos abastecem os alforges com *Bovril* e presunto, se bem que este último, infelizmente, não deva ser tocado por causa da religião, que está sempre a interferir com os prazeres da vida. *Hajji* está deprimido. Os amigos disseram-lhe que vai ser morto. Cada vez mais reduzidas sob os nossos pés, as verdes encostas do monte Garu cercam o Luristão como uma muralha. Esta subida até uma região que não é considerada segura é emocionante, apesar de ser impossível sentir o perigo sob um sol tão esplendoroso, numa solidão tão radiosa, com tantas cadeias de montanhas a estenderem-se sob o céu pálido de outubro. De facto, são só os outros três passos de montanha sobranceiros ao monte Garu que se supõe estarem neste momento nas mãos de ladrões, já que o nosso Varazan está desde há seis semanas nas mãos do governo. É bom sabê-lo de antemão, pois caso contrário poderíamos tomar a guarnição por bandidos em vez de polícias. Saem de roldão de uma torre de pedra circular, com as armas limpas e reluzentes entre os andrajos do resto da fatiota, e cobram uma portagem de oito *krans* (um xelim e cinco dinheiros) por cada animal. Quando estava na posse dos ladrões, eles só cobravam mais sete dinheiros e até poderiam ter continuado a receber um rendimento certo por muito tempo se não tivessem perdido um dia a cabeça com dois comerciantes que quiseram regatear com eles para baixarem cinco dinheiros à tarifa e cujas mortes provocaram uma interrupção do negócio do carvão que sai do Luristão pelo monte Garu, o que levou o governo a desalojar os bandidos e entregar dez armas a alguns lurs de Khava que, por enquanto, estão do lado da lei e da ordem, colocando nas suas mãos o controlo do passo de montanha e a respetiva receita.

Estes voluntários eram pessoas amistosas que adoravam conversar e suficientemente corteses para esquecerem os oito *krans* em honra da sua primeira *ferangi* vinda da planície.

Trouxeram pequenos copos com chá, estenderam ao sol um tapete de feltro e começaram a conversar sobre a segurança da Pérsia nessa altura, com o entusiasmo que lá é tão comum entre os mais pobres. Um deles tinha uma perna ferida, que eu tratei com *brandy*,

enquanto o chefe do posto, afastando dos olhos o cabelo comprido e apoiando-se na espingarda, lia devagar o endereço na minha carta de apresentação dirigida ao governador de Alishtar. Esta carta era um “Abre-te Sésamo”. O seu conteúdo deveras insignificante estava felizmente selado, mas o nome escrito no envelope já tinha servido para me livrar de complicações com a polícia em Nihavend pois a sua mera apresentação dava-me a impressão de estar a viajar com a autoridade de governos a apoiar-me, pelo que quando a entregava a alguém tentava adotar uma postura condizente. Tinha comigo uma outra carta, para o irmão do guardião de Varazan, e essa gerou mais simpatia e a promessa de alojamento por uma noite na planície de Khava, lá em baixo. Sentaram-se os dez em fila a olhar para mim, e também os dois ajudantes que, como explicaram, tinham vindo varrer, embora nada houvesse nos rochedos que evidenciasse tais esforços. À medida que as caravanas tribais subiam até ao passo de montanha, um dos homens do nosso grupo ia lá intercetá-las e receber a portagem: os pequenos bois pretos, que mal se viam entre os enormes sacos de lã de cabra cheios de carvão ou cereais, avançavam pesadamente enquanto os homens contavam o dinheiro e traziam notícias da selva ou da cidade consoante viessem do sul ou do norte. A estrada que seguiam estendia-se como uma fita muito abaixo de nós, atravessando a planície de Khava, cujo limite sul, salpicado de pequenos picos e cumeadas onduladas, se esbatia suavemente na distância. São muito poucos os europeus que viajam por esta região. *Sir* A. T. Wilson esteve lá e talvez mais meia dúzia; e em 1836 *sir* Henry Rawlinson atravessou-a com o seu regimento persa, localizando de memória, à medida que avançava, as nações desaparecidas cujos cavalos pastavam nestas planuras abertas.

Despedimo-nos da guarnição e prosseguimos com dificuldade dado o perfil íngreme e alcantilado da encosta sul, quase impraticável para cavalos, pois a partir do passo o caminho desce por uma fenda pedregosa. Toda a cordilheira é como uma onda cuja encosta suave tínhamos vindo a subir desde a planície de Nihavend, tendo agora de enfrentar a outra vertente, a pique; e, enquanto íamos resvalando e

tropeçando entre as escorregadias superfícies de calcário, *Hajji*, esquecendo-se de que tinha vindo oferecer-me os seus préstimos alegando conhecer cada centímetro da estrada, queixava-se em tom patético de que este não era lugar para mais ninguém senão ladrões.

Parecia fazer sentido que a entrada na terra proibida não fosse demasiado fácil. As nossas expectativas tinham vindo a subir desde Nihavend que, ali tão perto, não deixa de falar do Luristão como uma região desconhecida, governada por leis e normas em que os habitantes não têm qualquer participação. Todos os dias, vindas das longínquas florestas a sul, caravanas de bois pretos percorrem o talude da montanha com os seus carregamentos de cereais ou carvão. Os homens das tribos, de cabelo hirsuto e olhar francamente hostil, acorram-se em grupos a conversar por baixo da muralha da velha fortaleza sem a mínima interação social com os cidadãos. A guarda do passo de Varazan, com a roupa em farrapos e espingardas a reluzir, fez questão de o deixar bem claro. Quando chegámos junto deles, estávamos no limiar de uma terra nova. Ninguém viaja por aqui a menos que goze da liberdade das tribos ou de outra proteção, e não se viam quaisquer camponeses ou mercadores entre os que subiam até ao passo de montanha, só os lurs de casaco branco a fitarem-nos com olhos desconfiados e intrépidos. Não nos dirigiram qualquer saudação, mas eram, reparei, bastante lesto a responder se alguém falasse com eles.

E agora, depois de uma curva da estreita garganta, a planície de Khava abria-se abaixo de nós como uma onda amarela até aos penhascos do monte Garu, pontuado, ao gosto arcádico, por negros rebanhos e negras tendas, e intersetado de leste para oeste por um rio de margens verdejantes. Ao longe, na vertente sul, reinava uma bucólica solidão que se espraiava até às colinas; mas no meio havia searas ceifadas, homens a lavar a terra, aldeias onde a montanha se afundava na planície e, aqui e além, elevações do terreno a anunciar cidades soterradas.

Estes lugares devem ter sido outrora densamente povoados, com um trilho que subia serpenteante de Nihavend ou de Harsin até um

dos desfiladeiros mais amenos, passando pelas aldeias de Khava até Alishtar — mencionada no século XIV como uma cidade importante — e daí até Khurramabad e às planícies orientais. Pensa-se que foi algures por aqui que o rebelde Gautama foi derrotado por Dario; e, possivelmente, era também aqui que se encontravam as pastagens de Nisaia, por onde Alexandre passou na sua subida até à Pérsia, mas afamadas muito antes dele pelos seus cavalos no tempo dos Aqueménidas. Nos vales solitários encontram-se bronzes, sílices e cerâmica. Vaga após vaga de gentes sem conta e sem nome aqui se encontram perdas nas insondáveis brumas do tempo.

Não era isto, porém, que nos ocupava o pensamento, mas sim o problema de como encontrar os nossos lurs, em particular, numa planície com cerca de quinze quilómetros por trinta onde ninguém conhecia o caminho. Tinha vindo connosco desde Nihavend um homem alto e escanzelado de sobranceiras hirsutas para nos servir de guia. Mas também ele, como depressa descobri, nunca tinha estado lá em cima — e, além disso, era um destroço do ópio, que enfraquece as pernas muito mais do que a cerveja, e tinha de se sentar de vez em quando, como um viajante nas primeiras etapas de uma travessia do canal da Mancha, recusando-se a mostrar qualquer interesse pelas nossas esperanças de um almoço entre amigos.

Chegámos à área de cultivo e, ao atravessarmos paulatinamente a cavalo os campos lavrados e os meloais, encontrámos por fim pessoas que nos indicaram o caminho para os nossos lurs de Keram Ali na elevação tumular de Qal'a Kafrash, a oeste, onde algumas casas de argila e uma ou duas fiadas de tendas pretas formam uma aldeia. O monte, com cerca de dois metros e meio de altura por dois metros e meio de largura, eleva-se com aquela artificial regularidade de formas que mostra por toda a Pérsia e Mesopotâmia o trabalho soterrado do homem, dando-nos a sensação de um cemitério incrivelmente ancestral em comparação com muitas das paisagens em redor. Contudo, os lurs de Kafrash não viviam oprimidos pelo seu passado ancestral; eram o bando de vilões mais alegre que alguém poderá querer conhecer, e estavam encantados connosco por termos,